

**CARACTERÍSTICAS E ANSEIOS DAS ALUNAS DE UMA ESCOLA TÉCNICA FEMININA (PORTO ALEGRE/RS, ANOS 1940)****CHARACTERISTICS AND DESIRES OF STUDENTS OF A FEMALE TECHNICAL SCHOOL (PORTO ALEGRE/RS, 1940)**

DOI 10.5281/zenodo.8311710

Natália Gil<sup>1</sup>Maria Vitória Longo Viana<sup>2</sup>Luísa Grandó<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo apresentamos uma análise histórica de fichas sociais referentes a alunas que estudaram na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles, de Porto Alegre, entre 1946 e 1949. Voltada para a formação profissional, essa escola também se caracterizava por oferecer um preparo que tornasse as alunas boas mães, esposas e donas de casa (LOURO; MEYER, 1993). Neste artigo, inicialmente, apresentamos as características socioeconômicas das alunas e suas famílias. Em seguida, nos detivemos nas informações que indicam hábitos de vida, aptidões e gosto cultural dessas jovens e, por fim, analisamos as respostas dadas às questões sobre as profissões que gostariam – ou não – de seguir e a posição ideal que desejavam ocupar no futuro. A análise mobilizou o conceito de *tática* de Michel de Certeau com objetivo de compreender as “astúcias” de meninas dos anos 1940 que tentaram escapar das práticas cotidianas de controle no momento de responder sobre seus anseios pessoais de futuro. Foi possível identificar que algumas das respostas dadas pelas meninas eram inusitadas, mas podem ser entendidas como oportunidade para que elas insinuassem anseios distintos do enquadramento convencional dado ao futuro de mulheres jovens naquele período.

**Palavras-chave:** Educação feminina. Formação profissional. Projeto de vida.

**Abstract:** In this article we present a historical analysis of social forms referring to students who studied at the Senador Ernesto Dornelles Technical School, in Porto Alegre between 1946 and 1949. Focused on

---

<sup>1</sup> Professora e pesquisadora em História da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Formada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Mestre e Doutora em Educação pela USP. É líder do grupo de pesquisa “Histeb – História da Escolarização no Brasil: políticas e discursos especializados”, que integra desde 2011 o Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, e coordenadora do grupo de estudos “ESHE – Estudos Sócio-Históricos sobre Escolarização”. E-mail: natalia.gil@ufrgs.br Orcid iD <http://orcid.org/0000-0002-0818-4858>

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fez Iniciação Científica entre 2019 e 2022 no grupo de pesquisa “Histeb - História da escolarização no Brasil: políticas e discursos especializados”. É professora da Educação Infantil em instituição do ensino privado. E-mail: mvlv\_@hotmail.com Orcid iD <http://orcid.org/0009-0002-5721-8265>

<sup>3</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fez Iniciação Científica entre 2018 e 2022 no grupo de pesquisa “Histeb - História da escolarização no Brasil: políticas e discursos especializados”. Desde 2021, atua em cursinho popular EducaMed, em Porto Alegre. E-mail: luisa.orfali@gmail.com Orcid iD <http://orcid.org/0000-0002-3561-7698>

vocational training, this school was also characterized by offering a preparation that would make the students good mothers, wives, and housewives (LOURO; MEYER, 1993). In this article, we initially present the socioeconomic characteristics of the students and their families. Then, we focused on the information that indicates life habits, aptitudes and cultural taste of these young women and, finally, we analyzed the answers given to the questions about the professions they would like to follow - or not - and the ideal position they wanted to occupy in the future. The analysis mobilized the concept of *tactics* of Michel de Certeau in order to understand the "cunning" of girls of the 1940s who tried to escape the daily practices of control at the moment when they are demanded to respond to their personal desires for the future. We could identify that some of the answers given by the girls were unusual but can be understood as an opportunity for them to insinuate different desires from the conventional framework given to the future of young women in that period.

**Keywords:** Female education. Vocational training. Life project.

## Introdução

Neste artigo<sup>4</sup> o interesse se concentra na análise de um conjunto de 169 fichas<sup>5</sup> referentes a alunas que estudaram na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles, de Porto Alegre, durante o período de 1946, ano da fundação da escola, até o ano de 1949, ano da última ficha disponível. O problema de pesquisa que orientou o exame das fichas foi caracterizar o perfil socioeconômico das alunas que frequentaram cursos de formação profissional nos anos 1940, de modo a permitir saber mais do que apenas a informação estatística das matrículas por gênero. Tais fichas eram preenchidas no momento de inscrição para o processo seletivo para ingresso na escola e foram localizadas no arquivo da instituição<sup>6</sup>, junto a outros documentos integrando dossiês individuais das alunas matriculadas. Nesses dossiês, além das fichas, deveriam constar os seguintes documentos: "Certidão de registro civil de nascimento", "Atestado de não ser portadora de doença transmissível", "Atestado de vacinação recente", "Certificado

---

<sup>4</sup> O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa Histeb – História da Escolarização no Brasil ([www.ufrgs.br/histeb](http://www.ufrgs.br/histeb)). Vincula-se ao projeto interinstitucional (UFRGS, UNICAMP, USP) "Exclusão escolar na história brasileira: persistências e resistências (1920-2020)", financiado pelo CNPq (processo nº 420799/2018-4).

<sup>5</sup> Ao todo, foram examinadas 169 fichas, no entanto, nem todas continham informações sobre cada um dos itens que elegemos para análise. Além disso, do conjunto, constam dois tipos diferentes de fichas. Ainda que as diferenças sejam poucas, há perguntas que não aparecem nas duas versões. Por essas razões, ao longo deste artigo, a depender do foco de análise, o número total de fichas se altera. Para conhecer as diferenças entre as duas fichas, ver Lima e Gil (no prelo).

<sup>6</sup> A direção da escola permitiu que fizéssemos a digitalização do material que, em seguida, foi devolvido à instituição.

de instrução” e “6 (seis) fotografias de 3x4 de frente, sem chapéu”. Muitas vezes, as pastas guardam certificados de instituições de ensino frequentadas anteriormente pelas meninas bem como um documento intitulado “Vida escolar”, que apresenta seu desempenho ao longo do curso na Escola Técnica.

O documento assumido aqui com fonte histórica tinha por título “ficha social” e consistia em uma folha impressa em ambos os lados composta de quatro seções:

I – A Família, essa seção ocupa toda a frente da folha e é dividida em *Situação econômica, Condições educacionais e sociais e Interesse pela profissão da filha*;

II - A Aluna, ocupa a maior parte do verso e é dividida em *Condições educacionais e teor de vida, Tendências vocacionais e Impressões gerais*;

III - Observações especiais; e

IV - Apreciação final<sup>7</sup>.

Não temos informação sobre a situação em que a ficha era preenchida, mas é possível depreender – com base na literatura especializada em História da Educação e por indícios na própria documentação (que serão descritos ao longo do artigo) – que as perguntas fossem respondidas por um adulto responsável pela candidata à matrícula e que as respostas eram registradas por um/uma trabalhador/a da escola. Nas fichas analisadas, nem todas as perguntas estão respondidas, mas é significativa a quantidade de informação constante no conjunto da documentação. Não é possível ter certeza se as meninas estavam presentes no momento do preenchimento, mas o nível de detalhamento dado às perguntas sobre questões que dizem respeito a seus anseios permite supor que em geral acompanhavam seus responsáveis durante o preenchimento das fichas. Os campos de “Observações gerais” e “Apreciação final” não estão preenchidos na maior parte das fichas localizadas.

A busca por compreender o sentido das informações disponíveis nesse conjunto de documentos remete ao conhecimento da instituição escolar em que foram utilizados e a alguns aspectos do cenário educacional no período em Porto Alegre.

---

<sup>7</sup> Uma análise sobre as questões inscritas na ficha e o efeito que podiam produzir na subjetivação das meninas candidatas à matrícula consta em artigo de Lima e Gil (no prelo).

No caso do Rio Grande do Sul, a escolaridade primária obrigatória demorou a ser fixada em lei e foi apenas em 1871 que a legislação provincial tornou compulsória a escolarização de meninos e meninas, entre 7 e 15 anos. Aos poucos, as matrículas em escolas de instrução elementar foram sendo ampliadas. Mesmo assim, no início do período republicano, as escolas eram em número insuficiente para atender toda a população infantil. Mais grave era a situação das escolas em nível pós-primário: nas primeiras décadas do século XX, eram poucas as opções para a continuidade dos estudos em ginásios, colégios e escolas normais (GIL, 2020). Ao focalizarmos a escolarização de meninas, observamos que a situação era ainda mais complicada e, mesmo em Porto Alegre, capital do estado, o que prevalecia era a raridade de alternativas (GIL, 2022). Havia a Escola Complementar que, desde 1906, destinava-se à formação de professoras (LOURO, 1986). Em 1939, além do curso normal, a escola passou a oferecer também os cursos ginásial e complementar. Existiam também no período algumas escolas confessionais com oferta de curso ginásial feminino e poucas opções de cursos de formação profissional. Entre os anos 1942 e 1946, foram promulgadas as Leis Orgânicas do Ensino que, entre outras atribuições, organizaram em âmbito federal a educação profissional no país e aumentaram as opções de escolarização com sentido profissionalizante (MEDEIROS NETA et. al, 2018). A Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles, criada em 1946 na cidade de Porto Alegre, integra as iniciativas que, nesse período, pretenderam ampliar o rol de opções de continuidade dos estudos, inclusive para as meninas.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este estudo mobiliza aportes de Michel de Certeau (2000 e 2014), em especial a noção de operação historiográfica e o conceito de *tática*. Tem sido recorrente supor que, na vida cotidiana, sujeitos comuns estariam fadados à passividade e submetidos aos instrumentos de poder, mas Certeau (2014) argumenta que é preciso observar que ações simples como falar, ler, cozinhar, andar, podem engendrar resistências importantes a uma determinada ordem instituída. Segundo o autor, tais sujeitos procedem a “bricolagens” e “caças furtivas” estabelecendo um sutil jogo de *táticas* que se opõe às *estratégias* utilizadas pelas grandes instituições de poder. Vários estudos no campo da História da Educação já vêm apontando há algum

tempo que o cotidiano escolar se configura como um espaço/local em que se desenvolvem ações de *tática* e *estratégia*. Especialmente o conceito de *tática* abre a possibilidade de identificar certas “astúcias” dos sujeitos submetidos ao poder postas em ação para escaparem em alguma medida dos processos de controle implicados em práticas escolares corriqueiras. Nas fichas encontradas na Escola Técnica Feminina Senador Ernesto Dornelles temos alguns exemplos nesse sentido, de modo que nos pareceu fértil procedermos à análise a partir desse instrumental analítico.

Certeau (2014, p. 92, itálicos no original) chama a atenção para [as chamadas] ‘trajetórias indeterminadas’, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam [...] embora fiquem enquadradas por *sintaxes* prescritas (modos temporais dos horários, organizações paradigmáticas dos lugares etc.), essas ‘trilhas’ continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e desejos *diferentes*. Elas circulam, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida.

Partindo desse referencial teórico, buscamos compreender algumas respostas inusitadas dadas pelas meninas sobre seus anseios profissionais e pessoais como *tática*. A partir do que propõe o autor, foi possível buscar outras possibilidades de sentido para aquilo que poderia parecer apenas uma resposta aleatória ou estranha. Buscamos, assim, reinserir tais respostas em um espaço de produção cultural que implica o uso de certas *táticas* para ocupação momentânea de locais do *outro*. Para Certeau (2014, p. 45, itálico no original), a *estratégia* é

o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta.

Por outro lado:

Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática

só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância [...]. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos [...], mas sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião” (CERTEAU, 2014, p. 45-46).

De acordo com o autor, “a tática é a arte do fraco”, a ação daquele que está desprovido de poder e que busca, nas brechas, contrariar a *estratégia*, que corresponde à ação característica do detentor de poder. Desse modo, Certeau (2014, p. 95), apoiado nas observações de Karl von Clausewitz, afirma que

quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia [...] as forças são distribuídas, não se pode correr o risco de fingir com elas [...] ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso” [...].

O trabalho de pesquisa iniciou-se com a digitalização de todas as fichas. Em seguida as informações constantes em cada uma das perguntas presentes nas fichas foram inseridas em planilha de Excel, o que permitiu, no momento da análise, fazer diversos cruzamentos de informações. Nesse sentido, a utilização de filtros possível no Excel também viabilizou uma ampla variedade de possibilidades analíticas. Feita a primeira etapa de análise das respostas, foi importante muitas vezes voltar às fichas digitalizadas para aprofundar a compreensão da relação entre as respostas de uma mesma aluna. A etapa final foi a organização de tabelas que totalizavam informações tais como a ocupação dos pais e o rendimento das famílias.

Escrutinando com atenção as respostas inscritas no *corpus* documental buscamos conhecer quem eram as alunas dessa escola técnica profissional e quais seus anseios profissionais e pessoais. Neste artigo, inicialmente, apresentamos as características socioeconômicas das alunas e suas famílias. Em seguida, nos detivemos nas informações que indicam hábitos de vida, aptidões e gosto cultural dessas jovens e, por fim, analisamos as respostas dadas às questões sobre as profissões que gostariam – ou não – de seguir e a posição ideal que desejavam ocupar no futuro.

### **A escola e as alunas: características socioeconômicas**

Nesta seção, sem pretender delinear um quadro completo das oportunidades de escolarização que existiam no período, apresentamos uma ideia do tipo de instituição disponível para a escolarização da juventude feminina porto-alegrense após a conclusão do curso primário. Logo em seguida, aportamos informações que permitem conhecer o perfil socioeconômico das alunas que frequentaram a Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles e suas famílias.

Em 1906, tinha sido instalada a Escola Complementar (antigamente chamada Escola Normal e, depois, Instituto de Educação Flores da Cunha) cuja finalidade era oferecer o curso de formação de professoras (LOURO, 1986). Trata-se, sem dúvida, da mais importante das instituições destinadas à educação feminina na capital do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Em 1929, a escola passou a oferecer, além do curso complementar (que durava três anos), também o curso normal ou de aperfeiçoamento (com duração de dois anos e que poderia ser feito após o curso complementar). Em 1939, instituiu-se, ainda, o curso ginásial que junto com o complementar compunham a Escola Secundária; ambos antecederiam a entrada no curso normal. Embora o curso normal fosse profissionalizante, é importante observar que, ao menos entre os anos 1930 e 1970, “apesar de ter sido esta uma escola pública e gratuita, ela não foi dirigida para a maioria feminina das classes trabalhadoras. Ao contrário, o I. E. [Instituto de Educação] foi [...] preponderantemente uma escola para mulheres das camadas médias da sociedade gaúcha” (LOURO, 1986, p. 28). Não obstante a constatação desse predomínio, Guacira Lopes Louro (1986, p. 224) informa que entre os alunos da instituição “também estavam presentes (em menor número) elementos dos setores desfavorecidos socialmente”.

Como opção de curso pós-primário para meninas abastadas, havia também algumas instituições confessionais que ofertavam curso ginásial na capital do estado: o Colégio Americano, o Colégio Sevigné e o Colégio Bom Conselho (POPIOLEK, 2016). De orientação metodista, o Colégio Americano havia sido criado em 1885 e, a partir de

1926, instituiu um curso ginásial feminino. Os Colégios Sevigné e Bom Conselho eram escolas femininas católicas, criadas respectivamente em 1900 e 1905, e no final dos anos 1920 também passaram a oferecer curso ginásial. Eram escolas pagas e, portanto, destinavam-se principalmente às meninas cujas famílias tinham recursos financeiros, mas havia também alunas pobres que recebiam bolsa de estudos, uma prática comum das instituições de ensino mantidas por entidades religiosas no período.

Havia, ainda, outra instituição destinada ao ensino profissional em Porto Alegre, o Instituto Técnico Profissional Parobé, criado em 1906 e destinado à formação dos pobres para o trabalho (STEPHANOU, 1990). Nos anos 1920, essa instituição passou a contar com uma sessão feminina.

A Escola Técnica Ernesto Dornelles, foco de interesse neste artigo, foi criada em 1946, destinava-se ao ensino técnico profissional e oferecia cursos organizados em dois níveis: o Ginásio Industrial, composto pelos cursos de Corte e Costura (101 fichas)<sup>8</sup> e Chapéus, Flores e Ornatos (32 fichas), e o Segundo Ciclo Técnico, composto pelos cursos de Artes Aplicadas (10 fichas) e Decoração de Interiores (2 fichas). Guacira Lopes Louro e Dagmar Meyer (1993, p. 47) informam, em relação a essa instituição, que se tratava de “uma escola técnica proposta em princípio para moças das classes trabalhadoras – o que justifica seu caráter profissionalizante (formando artífices e técnicas) – mas pensada a partir do imaginário dos grupos dominantes”. A escola funcionou em regime de internato e semi-internato, recebendo apenas meninas, para os cursos de Artes Industriais e Aplicadas, Corte e Costura, Chapéus, Flores e Ornatos (SCHOLL, 2012).

Nas fichas analisadas, as informações que se referem às características socioeconômicas das alunas matriculadas entre 1946 e 1949 evidenciou que, efetivamente, predominavam as alunas pobres, mas permitiu ver que não deixavam de estar matriculadas também meninas abastadas. No que se refere à cor das alunas<sup>9</sup>, pelo

---

<sup>8</sup> Os números aqui apresentados são referentes ao curso indicado no momento da matrícula. No entanto, cada candidata passava por um período de rodízio entre diferentes técnicas e, ao final de 4 meses, os professores (consultando também a candidata) definiam o percurso a ser seguido (SCHOLL, 2012).

<sup>9</sup> Essa informação foi inferida pela indicação da cor dos pais, já que na ficha não há efetivamente menção à cor da aluna.

total de fichas em que consta essa informação (registrada por escrito e legível em 154 das fichas), sabemos que as alunas de cor “branca” (139) eram maioria, mas também havia alunas registradas como “de cor” ou “preta” (10) e outras em que a cor é registrada como “morena” (3)<sup>10</sup>. Quanto às idades, as alunas tinham entre 11 e 21 anos no momento da matrícula.

Tabela 1: Distribuição das alunas segundo a cor

Cor das alunas	Quantidade de fichas
“Branca”	139
“De cor” ou “Preta”	10
“Morena”	3
	Total = 154

Fonte: elaborado pelas autoras

Outro aspecto importante na análise das fichas refere-se às ocupações de pais, mães ou tutores e tutoras das alunas. Nesse sentido, há uma grande dispersão entre as atividades laborais dos pais (são indicadas 61 ocupações diferentes em 169 fichas) e predomina o cuidado da casa entre as mães. Apenas 22 diferentes ocupações aparecem mencionadas para as mães e 109 fichas indicam que a mãe é “doméstica”. Cabe destacar que a designação “doméstica” parece se referir às mulheres que cuidavam de sua própria casa, já que raramente consta salário ou vencimento recebido pela mãe nesses casos. Entre as demais ocupações mencionadas para mães tem-se a seguinte variedade:

- são 11 costureiras, três modistas e três professoras;
- somando-se as ocupações de lavadeira, passa roupa, cozinheira, porteira, servente, doméstica mensalista e zeladora são nove indicações;

<sup>10</sup> Constam do conjunto apenas duas fichas em que a cor do pai e da mãe não é a mesma: em uma delas trata-se de pai branco e mãe preta, na outra, o registro é de pai índio e mãe branca. Em quatro fichas, apenas a cor de um deles está indicada e, em três, não se indica a cor e sim a nacionalidade (alemã e austríaca).

Do total de fichas, 10 mães são falecidas. Com relação aos pais, as indicações laborais mais recorrentes são:

- comerciante (14 menções);
- funcionário público (12);
- pedreiro (6);
- mecânico (5);
- viajante (4);
- funcionário aposentado (4).

É expressivo o número de pais falecidos: 38. Entre as ocupações mencionadas três ou menos vezes, a variação é grande: marceneiro, serralheiro, eletricitista, ferreiro, carpinteiro, serrador, estudante, dentista, veterinário, jornalista, químico, engenheiro, proprietário, construtor, hoteleiro, negociante, cozinheiro, barbeiro, bancário, enfermeiro, açougueiro, encadernador, chofer de polícia, carteiro, alfaiate, funileiro, operário, militar, entre outros.

A ocupação de pais e mães permite notar que é significativa a diversidade de origem social das alunas. Além disso, como consta nas fichas a declaração dos rendimentos de cada membro da família, pudemos analisar que para a maior parte das meninas a soma dos ganhos de pai e mãe não ultrapassava Cr\$ 1300. Abaixo um quadro sintético da distribuição da situação nas fichas em que foi possível identificar essa informação<sup>11</sup>:

Tabela 2: Distribuição das fichas por rendimento das famílias

Rendimentos	Quantidade de fichas
Até Cr\$ 600 <sup>12</sup>	17

<sup>11</sup> Foram somados valores indicados para pai e mãe em cada ficha, sem considerar os rendimentos dos filhos trabalhadores e sem levar em conta a quantidade de pessoas que viviam na mesma casa. Os estratos foram criados como instrumento de análise, ou seja, não constam das fichas. Ainda que imperfeito, esse se mostrou um recurso analítico útil ao permitir estabelecer parâmetro de comparação.

<sup>12</sup> No caso desse grupo, a primeira contagem resultou em 28 fichas. No entanto, era notável que nessas ocasiões um ou mais filhos trabalhavam (o que é mais raro nas demais fichas) e, às vezes, com rendimento maior que a mãe ou pai. Assim, optou-se por somar o rendimento dos filhos apenas nessas fichas.

Entre Cr\$ 600 e Cr\$ 1.300	70
Entre Cr\$ 1.300 e Cr\$ 2.500	35
Acima de Cr\$ 2.500	23
	Total = 145

Fonte: elaborado pelas autoras

Essas informações evidenciam que poucas eram as alunas abastadas nessa escola, mas não deixa de chamar a atenção que haja filhas de negociante (com rendimento declarado de Cr\$ 3.000), de jornalista (Cr\$ 3.000), de técnico mecânico (Cr\$ 5.500), cirurgião dentista (Cr\$ 3.000) ou engenheiro (Cr\$ 3.000). Entre as famílias situadas no agrupamento cujo rendimento está entre Cr\$ 1.301 e Cr\$ 2.500, estão, por exemplo, aquelas com pai bancário (Cr\$ 2.000) ou veterinário (Cr\$ 2.000), entre outras ocupações. Nesse agrupamento, é recorrente que também as mães tenham algum rendimento declarado, compondo o orçamento familiar. Por exemplo, aluna com pai funileiro (Cr\$ 1.100) e mãe professora (Cr\$ 1.300) ou, ainda, pai viajante (Cr\$ 1.000) e mãe modista (Cr\$ 300). O agrupamento quantitativamente mais expressivo, não entanto, é o de famílias cujo rendimento está entre Cr\$ 601 e Cr\$ 1.300. Alguns exemplos desse grupo são filhas de pai operário (Cr\$ 1.150), enfermeiro (Cr\$ 850), serralheiro (Cr\$ 720) ou marceneiro (Cr\$ 1.000) – e mãe dona de casa. No que se refere ao agrupamento mais empobrecido, destaca-se o fato de que frequentemente se trata de família com pai ou mãe falecidos e são recorrentes ocupações mais mal remuneradas, como pai agricultor ou pedreiro ou mãe serviçal.

Evidentemente, tais elementos não são suficientes para caracterização econômica das famílias; seria necessário considerar vários outros pontos, como o número de pessoas sustentadas em uma casa por esses valores e os custos de vida em Porto Alegre no período. No entanto, apesar da imprecisão, essas informações não deixam dúvida de que havia considerável diversidade de origem socioeconômica entre as alunas matriculadas em uma escola profissionalizante na segunda metade da década de 1940. Como já havíamos destacado em estudo precedente,

isso sugere a pertinência de relativizar a designação dos locais de escolarização como determinantes da presença ou exclusão de alunas pela sua condição socioeconômica e instiga a assumir a complexidade dessas distribuições, ampliando o cruzamento entre categorias analíticas nas pesquisas históricas sobre escolarização (GIL, 2022, p. 376).

Ou seja, o fato de ser uma escola técnica profissional não determina que receba apenas meninas pobres.

### **Modo de vida, aptidões e preferências culturais das alunas**

Para avançar na compreensão do perfil das alunas interessou-nos analisar as demais informações presentes nas fichas. Quem eram as meninas que buscavam um curso técnico profissional de “Corte e Costura” ou “Chapéus, Flores e Ornatos”? Para tanto, importa observar que, nos anos 1940, a cidade de Porto Alegre apresentava-se como uma capital entusiasmada com os processos de modernização da sociedade e do espaço urbano, mas também continuava muito apegada a valores morais tradicionais (LOURO, MEYER; 1993). As características sociais e as preferências culturais das alunas corroboram essa afirmação.

A maioria das meninas era de religião católica, várias afirmaram ir à igreja com frequência, participando ativamente da vida religiosa da família. Outras religiões foram citadas em menor número pelas candidatas: evangélica, metodista, protestante, episcopal brasileira, adventista, israelita, batista e espírita.

Um aspecto que chamou nossa atenção foi o número expressivo de meninas que moravam longe da escola. Apenas 23 meninas responderam à pergunta “Em quanto tempo faz o trajeto até a escola? De que modo?” com “a pé” e em no máximo 20 minutos. As demais, demoravam um longo tempo para chegar à escola, entre 25 minutos e uma hora, tendo que pegar um bonde ou, por vezes, até dois e, além disso, muitas ainda completavam o caminho a pé. O longo tempo de trajeto feito pela maior parte das meninas pode apontar para a valorização da formação oferecida pela escola, seja pelo interesse na ênfase profissional, por ser considerada uma preparação adequada para mães e esposas ou pela falta de oferta de escolarização em outras regiões da cidade.

Na ficha consta um campo denominado “tendências vocacionais” que tem início com a inquirição sobre a “ocupação preferida para as horas vagas”. Em seguida são oferecidas opções para preenchimento: “Jogos? Esportes? Passeios? Desenhos? Leituras? Trabalhos manuais? De que espécie? Trabalhos domésticos?”. Interessante observar que as candidatas poderiam escolher apenas entre essas opções, afirmando ou negando, não sendo possível responder algo diferente do que constava na ficha por falta de um espaço que estivesse livre para que elas pudessem apontar outro tipo de atividade (mas podiam indicar mais de uma das opções presentes na ficha). Aqui, duas respostas se destacam das demais de modo significativo. A opção com mais afirmativas foi “Leitura”, presente em mais da metade das fichas (95 menções), seguida por “Trabalhos manuais”, apresentada como ocupação para as horas vagas por quase metade das candidatas (72 menções). As demais respostas – “Desenho” (18), “Esportes” (15) e “Trabalho domésticos” (2) – não ficam nem perto da frequência de leitura e trabalhos manuais. Para além de respostas a uma mera pergunta, é necessário, mais uma vez, pensar no contexto em que a ficha era preenchida. Muitas das meninas que afirmavam ler não declararam nenhuma outra atividade para as horas vagas – isso pode indicar a popularidade do hábito entre as jovens do período, mas também pode estar relacionado ao que as candidatas imaginavam ser adequado dizer em um contexto escolar. De fato, o próximo espaço da ficha solicitava “citar o assunto predileto nas leituras de livros, revistas ou jornais”. Nesse sentido, podemos analisar a ficha recorrendo ao conceito de *estratégia*, conforme proposto por Certeau (2014). Isso porque a ficha circunscreve o que nela pode ser inscrito e permite, portanto, gerir as relações das candidatas à matrícula com a própria escola – indicando regras, condutas e valores legitimados. Se assumirmos a ficha como espaço de estratégia, podemos notar o efeito produzido pela expectativa – inscrita nas perguntas – de que as moças que se candidatavam aos cursos da escola dedicassem certo tempo à leitura. Também a alta incidência da resposta “Trabalhos manuais” pode ser compreendida por esse ângulo, já que as meninas se candidatavam a cursos cuja ênfase se atrelava a essa prática.

Outro conjunto de perguntas cuja análise interessa destacar era sobre se a candidata “vai ao cinema frequentemente” e “que filmes aprecia mais”. Embora a maior

parte das meninas tenha dito não ir ao cinema com frequência (88 menções), a diferença em relação àquelas que afirmaram ir (77) foi pequena. Entre as candidatas que iam ao cinema, os gêneros mais assistidos eram romance (16), dramas (13), aventura (12) e musicais (7) mas elas mencionavam também filmes religiosos (2), históricos (1), coloridos (1) e educativos (1). Cabe observar que a essas questões se seguia a pergunta: “Em companhia de quem vai ao cinema?”. As informações presentes nas fichas indicam que as meninas assistiam filmes principalmente com membros de suas famílias imediatas, como pais, irmãos e irmãs; mas madrinhas, amigas, amigos e professoras também são mencionados. Vale notar que não há em nenhuma ficha menção a namorado ou noivo.

A ficha buscava permitir conhecer também as experiências laborais dessas meninas. Nesse sentido, perguntava-se se “já teve ocupação fora de casa” ou “já fez algum trabalho de costura? Bordado? Objeto de utilidade ou brinquedo?”. Cabe observar, então, que a maior parte das meninas nunca tinha trabalhado fora de casa, sendo poucas as que afirmaram já terem passado por alguma experiência profissional. Neste último caso, dentre as ocupações listadas, estavam trabalhar como professora, em escritório, no comércio, em fábrica e em farmácia. Apesar do número de respostas ser reduzido, é possível perceber certa aproximação entre as ocupações aqui mencionadas e aquelas que aparecem no fim do formulário acerca da “profissão que gostaria de exercer”. Essa correspondência pode apontar para a adequação dessas ocupações ao que era esperado e/ou aceito para moças e evidencia que a mesma atividade realizada por meninas com menos de 15 anos e sem a qualificação profissional oferecida pela escola aparece também como profissão a ser exercida após a conclusão do curso. Ainda nesse ponto, parece importante indicar que metade das meninas que tiveram ocupação fora de casa justificaram como “motivo do abandono do emprego” a continuação dos estudos.

Sobre a matéria escolar preferida, a matemática se destaca com o maior número de menções (55 ocorrências). Português (32), Geografia (31) e Ciências (29) também são mencionadas um grande número de vezes, enquanto respostas tais como História (11), Desenho (5), Inglês (5), Francês (1) e Química (1) são matérias com menos menções. Interessante analisar a matemática como matéria preferida na escola para meninas na

década de 1940 que se candidatavam a cursos técnicos profissionais voltados à indústria têxtil.

Cabe lembrar que historicamente os saberes matemáticos foram considerados pouco afeitos à “natureza” feminina e não era corrente a expectativa de que as meninas se dedicassem aos estudos nessa área. Ainda que não tenhamos nos detido na análise desse ponto, podemos avançar a hipótese de que o rol estreito de opções profissionais para as meninas naquele período não deixava muita margem para que as escolhas fossem necessariamente relacionadas aos saberes curriculares nos quais elas obtinham êxito. Ainda assim, ter êxito escolar (e gostar de matemática pode talvez ser indicativo disso) possivelmente autorizava o entusiasmo, das meninas e suas famílias, pela chance de continuidade dos estudos em um cenário em que o mais comum ainda era que as mulheres não frequentassem mais do que os primeiros anos escolares.

#### 4. Desejos de meninas: anseios profissionais e aspirações para o futuro

As últimas questões presentes nas fichas merecem atenção especial pela possibilidade que trazem ao conhecimento do que essas meninas desejavam e/ou vislumbravam para seu futuro. Isso porque, depois do conjunto de perguntas cuja finalidade era caracterizar as aptidões, o gosto cultural e as experiências laborais das candidatas, como já visto, as últimas perguntas voltavam-se ao conhecimento de seus anseios e projetos de vida: “Que profissão gostaria de exercer? Por que?”, “Que profissão que não exerceria de modo algum? Por que?” e “Que posição ideal deseja ocupar no futuro?”.

Imagem 1 - Exemplo de preenchimento das questões 9 e 10

9 — Que profissão gostaria de exercer? *Não se decidiu*  
Por que? .....  
Que profissão que não exerceria de modo algum? .....  
Por que? .....  
10 — Que posição ideal deseja ocupar no futuro? *Sua própria*

Cabe observar que as perguntas inscritas no item 9 (que se referem à profissão) sugerem respostas hipotéticas, visto que apresentam os verbos no futuro do pretérito (“gostaria de exercer” e “exerceria”). Já a pergunta 10 (que se refere à posição ideal) tende a chamar à realidade ao propor o presente como tempo verbal (“deseja”).

Para melhor compreender as respostas dadas a essas perguntas, pareceu-nos importante conhecer um pouco mais das expectativas que rondavam essas jovens. Assim, como complemento, analisamos também as respostas dadas pelos pais ou responsáveis ao item “Interesse pela profissão da filha”, localizado na seção I – A Família.

Imagem 2 - Exemplo de preenchimento do quadro “interesse pela profissão da filha”

C. INTERESSE PELA PROFISSÃO DA FILHA	
1 — Quer que a filha siga a carreira profissional?.....	<i>Sim</i>
2 — O desejo de que a filha siga a carreira profissional tem como motivo:	
Dar-lhe uma educação completa para o lar?.....	<i>Sim</i>
Dar-lhe um meio de vida para o futuro?.....	<i>Sim</i>
Auxiliar a família ao concluir o curso?.....	<i>Sim</i>
3 — Deseja para a filha outra carreira?.....	<i>Não</i>
Professora?.....	<i>—</i>
Comerciária.....	<i>—</i>
Profissões liberais (medicina, filosofia, engenharia, química industrial, direito, música, artes plásticas, etc)?.....	<i>—</i>
4 — Explica a carreira da filha por:	
Imitação?.....	<i>—</i>
Acaso?.....	<i>—</i>
Impossibilidade de seguir outra?.....	<i>—</i>
Tradição?.....	<i>—</i>
Sugestão da família ou de estranhos?.....	<i>Sim</i>
Vocação?.....	<i>—</i>

Ainda que não seja possível garantir que a ficha fosse preenchida na sequência em que os itens estão dispostos, nada leva a crer que houvesse alguma inversão. Portanto, parece importante considerar que as perguntas que escrutinam as expectativas das famílias em relação ao futuro de suas filhas antecediam àquelas que inquiriam sobre as intenções e desejos delas próprias. Interessou-nos, assim, analisar se eventualmente as meninas revelavam anseios diferentes daqueles socialmente esperados delas.

Além disso, o entendimento das respostas demanda saber que o currículo da Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles era expressivo de um período em que preparação das mulheres para a atividade profissional ocorria de modo articulado à sua formação como mães e esposas (LOURO, MEYER; 1993). Ou seja, essa escola era uma opção de formação para o trabalho sem, desse modo, afastar as alunas das atividades consideradas, no período, como especialmente adequadas às mulheres. Também importa saber que os cursos de “Corte e Costura” e “Chapéus, Flores e Ornatos” transmitiam conhecimentos considerados socialmente como “inerentes ao universo feminino” (SCHOLL, 2012). Louro e Meyer (1993, p. 46) destacam a importância de melhor conhecer o funcionamento da instituição e o perfil das alunas que a frequentaram para “entender os propósitos da educação que as mobilizavam e a poderosa e sutil imbricação entre profissionalização e formação de donas de casa”. Ao analisar o currículo dessa escola, essas autoras observam que expressava um processo de “escolarização do doméstico”. Prevalcia a concepção de que as mulheres seriam naturalmente destinadas à educação das crianças e ao cuidado da casa, mas, paradoxalmente, considerou-se que as mulheres tinham que ser preparadas para bem exercer sua “natureza”. Assim, o processo de “escolarização do doméstico” não se configurava como mera transposição de saberes da casa à escola e sim como uma reelaboração desses saberes (LOURO, 2004). No mesmo período ganha cada vez mais espaço a defesa do governo das famílias por meio da educação das mulheres: “Não só o discurso médico se destacou na tentativa de governar as crianças e suas famílias, mas o discurso psicológico também se constituiu num campo importante para o governo da população” (FELIPE, 2000, p. 64). Tais discursos não eram monolíticos e unânimes, mas foram recorrentes e imprimiram marcas importantes tanto nos projetos de escolarização feminina quando nas expectativas das próprias mulheres em relação ao seu futuro.

Desde o final do século XIX, era, de fato, cada vez mais recorrente a defesa acerca da necessidade de ampliar as oportunidades de educação feminina. A ideia de que as mulheres representavam as mães da Nação e deveriam, assim, dedicar-se à formação de patriotas tem destaque no período, sobretudo entre higienistas e moralistas, reforçada pelo movimento positivista e o apreço dado ao conhecimento científico

(LOURO, 2004). Embora na virada do século, as mulheres tenham passado a ocupar mais espaços na cidade e no mundo do trabalho (LOURO, 1986), essa mudança esteve fortemente delimitada pela ideia de “natureza” feminina e de vocação. Assim, além do magistério (que desde o século XIX era apontado como uma profissão adequada às mulheres), o setor têxtil (industrial) e o setor terciário (em funções como datilógrafa, ocupações no comércio ou como secretária) foram importantes focos da expansão profissional feminina (LOURO, 1986; SCHOLL, 2012). O período pós-guerra consolidou esse processo, nos países ocidentais, fortalecendo a presença das mulheres no mundo do trabalho. Eram mais numerosas, portanto, as carreiras profissionais e os cursos de formação para o trabalho que as meninas poderiam aspirar a partir de então. Mesmo assim, conforme identificamos na documentação analisada, os anseios em relação aos papéis de mãe e esposa continuavam tendo forte presença.

Diante dessas considerações, pareceu-nos importante examinar as fichas tendo em vista a seguinte questão: Haveria outros anseios profissionais e pessoais possíveis para jovens mulheres na segunda metade dos anos 1940? Se socialmente ainda era predominante a compreensão de que as mulheres deveriam se dedicar à vida doméstica, cuidando do marido e dos filhos, é possível dizer que todas as jovens se conformavam com esse destino? Havia margem para que expressassem outros anseios para seu futuro? Como já mencionado, ao nos depararmos com as respostas inscritas nas fichas, pareceu-nos produtivo mobilizar o conceito de *tática*, conforme proposto por Michel de Certeau (2014), como ferramenta analítica capaz de permitir compreender as sutilezas na expressão dos anseios de meninas na primeira metade do século XX. Para Certeau, a *tática* é o recurso disponível na ausência de um espaço próprio, na ausência de poder, que se vale do tempo, ou seja, aproveita as circunstâncias do instante preciso em que uma intervenção se torna favorável, dependendo da rapidez entre momentos sucessivos de um golpe. Provavelmente as meninas não tinha muito tempo para pensar sobre o que deveria responder, já que é possível que a ficha devesse ser toda preenchida sem muita demora. Além disso, as perguntas que sugeriam uma resposta hipotética permitiam um deslocamento quanto aos efetivos planos de vida. Assim, em lugar de compreendermos as respostas inesperadas como aleatórias ou mero delírio,

percebemos a possibilidade de que se insinuassem, nas brechas abertas por essas últimas perguntas da ficha, anseios distintos do enquadramento convencional dado ao futuro de mulheres jovens naquele período. Passemos, então, a alguns exemplos<sup>13</sup>.

A aluna E.F.<sup>14</sup>, 20 anos, após informar que gostava de desenho, trabalhos manuais e leitura de biografias, indicava que a posição ideal que desejava ocupar no futuro era “arquitetura ou química”. Filha de pai comerciante e de mãe doméstica<sup>15</sup> de nacionalidade austríaca, a jovem se inscreveu para o curso de Artes Aplicadas. E.F. era de religião católica, assim como seus pais, e todos afirmaram frequentar a igreja com regularidade. Ela era a irmã mais velha dos seis filhos do casal, sendo que três dos seus irmãos também estavam estudando. Frequentava associações recreativas. Seus pais afirmavam que tinham interesse que a filha seguisse a profissão escolhida (artes aplicadas), tanto para que tivesse uma educação mais completa para o lar, quanto para que tivesse meios para o futuro. Eles justificavam que o curso tinha sido escolhido por vocação e não alegavam vontade de que sua filha seguisse qualquer outra profissão. A aluna respondeu que sua matéria preferida na escola era história da arte e que, apesar de estar se inscrevendo para o curso de artes aplicadas, ela preferia o estudo aos trabalhos manuais, porque nele “encontra mais vocação”. Quando questionada sobre a profissão que gostaria de exercer, responde não saber, pois “gosta de todas as profissões”. Perguntada sobre qual “profissão que não exerceria de modo algum”, indica modista, porque “não gosta”, o que não deixa de ser inusitado tendo em vista os cursos oferecidos na escola.

M.P., de 15 anos, aproxima-se de algumas formas de E.F. em suas respostas. Ambas são provenientes de famílias cujos pais recebiam vencimentos ou salários

---

<sup>13</sup> A descrição das características das alunas foi produzida pela análise detalhada de algumas das fichas, sobretudo pelo cruzamento das variadas informações constantes nesta documentação muito rica em possibilidades analíticas. O procedimento metodológico partiu da planilha de Excel. Sempre que localizávamos informações cujo teor fugia do convencional, do esperado por nós ou do predominante no conjunto documental, buscávamos a ficha para contrastar a resposta inusitada com o restante das características dessa aluna.

<sup>14</sup> Para garantia do anonimato, os nomes das meninas foram substituídos por siglas.

<sup>15</sup> Cabe lembrar que estão presentes nas fichas dois tipos de registros para “doméstica”: aquelas sem indicação de salário ou vencimentos e as que apresentam os valores recebidos; neste último caso, constam em geral como “doméstica mensalista”. No primeiro caso, a análise do conjunto das fichas permite afirmar que se trata do que também se denomina “dona de casa”.

expressivos (o pai de E.F. era comerciante e o de M.P. era engenheiro da Universidade de Porto Alegre) e, além disso, as duas procuraram o curso de Artes Aplicadas. M.P. também era católica e frequentava a igreja com regularidade. Em relação ao trajeto até a escola, M.P. demorava uma hora, tendo que pegar dois bondes. As respostas dessa aluna permitem notar seu interesse em engenharia (a mesma profissão do pai). Os pais, no entanto, indicaram que o interesse de que a filha frequentasse um curso técnico profissional era apenas para “dar-lhe uma educação completa para o lar”, não alegaram vontade de que a filha seguisse outra profissão e justificaram a escolha do curso por “vocação”. A aluna respondeu que sua matéria preferida na escola era matemática e que preferia o estudo aos trabalhos manuais porque “quer seguir engenharia”. Quando questionada sobre a profissão que gostaria de exercer, responde “em escritório” e, incisiva, assume como posição ideal que deseja ocupar no futuro a engenharia.

Apesar do modo enfático com que M.P. indicava esse anseio ao longo da sua ficha e reconhecendo que ter pai engenheiro a aproximava dessa área, cabe mencionar que não se tratava de uma profissão esperada para uma mulher naquele período. Campo fortemente vinculado ao meio militar em sua origem, a engenharia como conhecimento acadêmico chegou ao Brasil junto com a corte portuguesa em 1808 e se voltou no período aqui tratado para o desenvolvimento industrial. Embora haja o registro de mulheres inscritas nas escolas de engenharia em 1920, é apenas na década de 1970 que se observa o início de uma tendência de crescimento no número de mulheres nesse campo profissional (LOMBARDI, 2004). Assim, a repetida aparição da engenharia na ficha de M.P. pode, a despeito do modo enfático como aparece, indicar uma *tática*, mais do que um plano profissional efetivo. Conforme sugere Michel de Certeau (2014, p. 91), as *táticas* “traçam ‘trajetórias indeterminadas’, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. São frases imprevisíveis, num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas”.

Engenharia aparece como anseio profissional também na ficha de N.M., de 16 anos, indicada como de cor morena, filha de pai agricultor e mãe servente, que cursaram o ensino primário, e filha do meio, tendo dois irmãos estudantes. De acordo com seus

pais, foi a própria aluna que expressou interesse na carreira de bordado, corte e costura. Sua matéria preferida na escola era português e ela apreciava como atividade nas horas vagas os trabalhos manuais e a leitura de revistas. Parece surpreendente, então, que uma menina aparentemente interessada no campo profissional relacionado ao curso em que pretende se matricular responda que gostaria de exercer a profissão da engenheira porque “acha muito bonito”. Sobre a posição ideal que deseja ocupar no futuro, no entanto, indica “boa dona de casa”.

Outro exemplo que nos permite considerar referir-se a uma *tática* é o da candidata C.S., de 21 anos, uma jovem mulher proveniente de uma família aparentemente bastante comum. Filha de mãe doméstica (dona de casa) e de pai servidor, que cursaram o primário, ela é a mais velha dos quatro filhos do casal e foi inscrita no processo seletivo da escola para o curso de Corte e Costura. C.S., indicada como da cor morena, era de religião católica, assim como seus pais, que afirmaram frequentar a igreja regularmente. Não frequentavam, porém, associações (profissional, recreativa, esportiva ou sindicato). Ela demorava 30 minutos para chegar à escola, tendo que pegar dois bondes para completar o caminho. Seus pais declararam que gostariam que a filha seguisse a carreira do curso escolhido, tanto para que tivesse uma educação completa para o lar quanto para que a jovem tivesse meios para a vida no futuro. C.S. afirmava gostar de trabalhos manuais e declarava que sua matéria preferida na escola era ciências. Por fim, ela indicava que a profissão que gostaria de exercer seria “dentista” e não exerceria de forma nenhuma a profissão de “empregada doméstica”.

Caso não analisemos com atenção, as respostas dadas pela candidata podem parecer “estranhas” ou “sem sentido”, todavia, como já mencionado, podemos vislumbrar outro significado se considerarmos a possibilidade de que seja uma *tática*. A resposta não aponta, necessariamente, para esforços concretos da jovem no sentido de se tornar dentista, uma profissão na época ocupada majoritariamente por homens, porém tampouco deve ser encarada como um desdém da aluna em relação à questão. Mencionar que “gostaria” de ser dentista insinua uma possibilidade pensada, hipoteticamente, em um momento oportuno, na oportunidade que se abre no questionário, esse espaço construído e ordenado por adultos; no momento em que se

produz um desequilíbrio de poder, é que a aluna encontra no tempo da pergunta uma brecha. Quando questionada, logo na sequência, sobre a posição ideal que “deseja” ocupar no futuro ela retorna ao esperado, diante do tempo verbal que remete mais diretamente à realidade, e responde querer ser “uma boa costureira”. Essa afirmação se enquadra nas expectativas para uma mulher dos anos 1940 que indicava preferir os trabalhos manuais, como a costura, aos estudos. A aparente contradição nas respostas, na verdade, apenas reforça a análise que estamos propondo. A pergunta sobre a posição ideal, ainda que possa nos remeter à contraposição real/ideal, é feita empregando-se o presente como tempo verbal e sugere o futuro como algo mais próximo de realização efetiva.

A candidata I.L., 14 anos, era filha de mãe doméstica (dona de casa) e pai veterinário e foi inscrita para o curso de Corte e Costura. Indicava querer seguir a carreira da aviação por admirar a liberdade e afirmava que não exerceria de maneira nenhuma a profissão de criada, pois considerava uma profissão “muito baixa”. Aqui, também, a resposta não constitui, necessariamente, um movimento efetivo para tornar-se aviadora, mas tampouco deve ser compreendida como simples devaneio; parece expressar um desejo distante do esperado, mas inscrito naquilo que pode ser pensado e, então, enunciado na brecha que se abre na ficha. Após afirmar que sua profissão poderia ser aviadora - profissão não apenas incomum para o público geral, mas totalmente distante da suposta “natureza” feminina -, quando questionada, na sequência, sobre a posição ideal que deseja ocupar no futuro I.L. também regressa ao esperado, respondendo “dona de casa”; resposta bastante frequente entre as candidatas.

Outra ficha que merece menção é da candidata E.E. Vinda de uma família cuja mãe era doméstica (dona de casa) e o pai técnico industrial, E.E. era a mais velha dos quatro irmãos e seus pais esperavam que ela seguisse a carreira de Corte e Costura para que pudesse “auxiliar a família ao concluir o curso”. No entanto, quando perguntada sobre “qual profissão gostaria de exercer no futuro” a candidata respondeu “escriturária”. Na sequência, ela afirmava que não sabia exatamente porque considerava interessante esse trabalho e mencionava que não exerceria a profissão de “auxiliar de balcão” porque

considerava o trabalho mal remunerado. Quanto à posição ideal, indicava querer ser enfermeira.

I.E., 12 anos, tinha pai técnico, com alta remuneração (Cr\$ 2.000), e mãe doméstica (dona de casa), além de três irmãos mais novos. Tanto o pai quanto a mãe eram alemães, brancos e frequentaram o curso primário. A candidata gostava de esportes, gostava “mais ou menos” de ler e preferia o gênero de aventura, frequentava o cinema na companhia do irmão, preferindo assistir a “comédia fina”. Sua matéria preferida na escola era desenho e como profissão gostaria de “ter um atelier de chapéus e flores [...] e ter fortuna”. Não exerceria a profissão de “garçonete de restaurante” e sua posição ideal no futuro era “ter fortuna, poder viajar e ter um bonito atelier”.

Um último exemplo encontra-se na ficha da candidata B.R., 15 anos, cuja mãe era porteira e esperava que a filha seguisse a profissão do curso ao qual estava se candidatando explicando a escolha da profissão para filha pela “vocaçãõ”. A candidata, por sua vez, informava que sua matéria preferida na escola era matemática e, ao ser perguntada sobre a profissão que gostaria de exercer, respondeu “contabilista” porque “gosta”. Em seguida, mencionava que não exerceria a profissão de professora, porque não tinha paciência. Quanto à posição ideal, a exemplo da maioria das meninas, indicava que queria ser “boa dona de casa”.

Chama a atenção no conjunto das fichas analisadas o fato de que haja variadas menções no que se refere à posição ideal que as meninas desejam ocupar no futuro (37 respostas diferentes). Dentre as que se referem ao campo profissional, as mais recorrentes das menções são esperadas. De um lado, 28 meninas afirmavam que gostariam de ser professoras – nas áreas de letras, educação física, cultura técnica, trabalhos manuais, piano, ciências, ornatos, cultura geral, datilografia, flores, matemática, professora de primeira série e mestre de uma escola. De outro, equiparando-se em número, há também importante concentração de menções que se relacionam ao campo profissional no qual se inserem os cursos oferecidos pela escola em que as candidatas pretendem se matricular: 21 meninas citavam querer possuir um atelier, seis queriam ser modistas e uma indicava querer “possuir casa de modas”. Além disso, tendo uma ou duas menções no total, constam: funcionária pública, costureira,

bordadeira, comerciária, trabalhar em escritório, guarda livro, contabilista, musicista, pianista, ter bom emprego, cantora, funcionária, arquitetura, química, enfermeira, bailarina, florista e engenheira. A variedade em si aponta para o fato de que as meninas nos anos 1940 podiam, se não planejar efetivamente variadas possibilidades de carreira profissional, ao menos sonhar ou imaginar posições sociais diferentes das mais comumente esperadas para as mulheres naquele momento.

Em que pese a relevância dessa constatação, é forçoso notar que a maior parte das menções, quando inquiridas sobre a posição ideal que desejavam ocupar no futuro, remetia ao espaço da casa e/ou às funções de mãe e esposa. Assim, em 33 das nas fichas está indicado “dona de casa”, seguido por “ter um lar” (23 menções), casada (15), mãe de família (4), viver comodamente (2) e auxiliar os pais (1).

O contraste entre as respostas remete ao fato de que se trata de um período de transição na história das mulheres, em especial nos grupos sociais com acesso à escola: passam da quase exclusividade do cuidado da casa e da família como função social para a progressiva ampliação na ocupação de postos de trabalho nos espaços públicos. Mães e avós de mulheres que nas décadas seguintes fizeram carreiras profissionais, essas meninas da segunda metade da década de 1940 não tinham deixado, no entanto, de considerar – ainda que hipoteticamente – a possibilidade de que elas próprias seguissem diversificados percursos profissionais.

### **Considerações Finais**

Neste artigo nosso intuito foi caracterizar as alunas que frequentaram a Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles, no município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1946 e 1949. Foram analisadas 169 fichas que eram preenchidas no momento da inscrição das alunas na escola e que trazem informações preciosas sobre aspectos econômicos, sociais, educacionais e vocacionais das meninas candidatas à matrícula nos cursos de “corte e costura”, “chapéus, flores e ornatos”, “artes aplicadas” e “decoreação de interiores”.

O caráter abrangente das perguntas e respostas possibilitou identificar detalhes sobre a vida das famílias, do ponto de vista socioeconômico, e conhecer gostos e anseios

das próprias meninas, que tinham em torno de 16 anos de idade. Demos atenção à cultura material como um elemento constitutivo das práticas escolares e buscamos valorizar os sujeitos escolares como agentes sociais. Pelo exame das fichas preenchidas foi possível identificar informações ainda raras na pesquisa em História da Educação, que costuma concentrar atenção na história das instituições escolares, mas não nas características dos estudantes que as frequentaram.

Mobilizar o conceito de *tática*, conforme proposto por Certeau (2014) permitiu, por sua vez, apreender aspectos da subjetividade das meninas e, muitas vezes, também de suas famílias. As *táticas* das meninas podem ser pensadas principalmente a partir do preenchimento da seção da ficha que é composta por perguntas sobre suas ambições pessoais e profissionais. Na maior parte das fichas, tais anseios estavam vinculados a atividades do ambiente doméstico, como o cuidado da família e do lar. Apesar dessa predominância, foi possível identificar também diferentes interesses, que vão além daqueles esperados.

Nos anos 1940, os processos de formação feminina tendiam a apontar para a centralidade do preparo para as funções de esposa e mãe, sendo prevacente, na profissionalização de mulheres, portanto, a destinação ao magistério e às atividades de cuidadoras (LOURO, 2004). Não obstante, a análise das fichas permitiu observar que, sem recusar esses destinos socialmente atribuídos às mulheres no período, já que, de modo geral, as meninas indicavam como posição ideal para si o casamento e a maternidade, algumas indicaram outras possibilidades quando perguntadas sobre que profissão gostariam de exercer.

## Referências

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2000.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FELIPE, Jane. **Governando mulheres e crianças: Jardins de Infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX**. 2000. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

GIL, Natália. A escolarização na cidade de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. In: José Edimar Souza. (Org.). **Escola no Rio Grande do Sul (1889-1950): ensino, cultura e práticas escolares**. Caxias do Sul: Educs, 2020. p. 130-152.

GIL, Natália. Escolarização de meninas pobres em Porto Alegre. In: Ana Sílvia Volpi Scott; José Carlos da Silva Cardozo; Jonathan Fachini da Silva. (Org.). **História das Mulheres no Brasil Meridional**. São Leopoldo: Oikos e Editora Unisinos, 2022., p. 356-381.

LIMA, Ana Laura Godinho; GIL, Natália. A formação das subjetividades em uma escola profissional feminina: contribuições de uma ficha social. **Educação e Pesquisa**, no prelo.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Perseverança e resistência: a Engenharia como profissão feminina**. Campinas, 2004. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e Antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul**. Campinas, 1986. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Campinas.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar. A escolarização do doméstico: a construção de uma escola técnica feminina (1946-1970). **Cadernos de pesquisa**, n. 87, p. 45-57, 1993. <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1896/1863>

MEDEIROS NETA, O. M. et. al. Organização e estrutura da educação profissional no Brasil: da Reforma Capanema às leis de equivalência. **Holos**, ano 34, v. 4, p. 223-235, 2018. <https://doi.org/10.15628/holos.2018.6981>

POPIOLEK, Carine Ivone. **As instituições de ensino particulares em Porto Alegre (1927-1957): aspectos relacionados entre tempo, espaço e cidade**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SCHOLL, Raphael Castanheira. **Memórias (entre)laçadas: mulheres, labores e moda na Escola Técnica Sen. Ernesto Dornelles de Porto Alegre/RS (1946-1961)**. Porto Alegre, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, PUCRS.

STEPHANOU, Maria. **Forjando novos trabalhadores: a experiência do ensino técnico-profissional no Rio Grande do Sul (1890-1930)**. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

Recebido em maio de 2023  
Aceito em junho de 2023

## Anexos

Imagem 3: Ficha modelo 1 - parte da frente

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO PROFISSIONAL  
DIVISÃO TÉCNICA  
SERVIÇO DE PSICOTÉCNICA E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Matrícula N.º: 114

Nome: [REDACTED]

Filiação: [REDACTED]

Data do nascimento: 2 de abril de 1934

Curso: Stenografia

Local: Porto Alegre

Escola Técnica: Sen. Francisco Assis

N.º de referência: [REDACTED]

Ano: 19. 48.

**FICHA SOCIAL**

**I. - A FAMÍLIA**

**A. SITUAÇÃO ECONÔMICA**

Idade	PROFISSÃO	SALÁRIO	
		Horário - H Diário - D Semanal - S Quinzenal - Q	MENSAL
13	Percepcionista		1.500,00
37	Ateliê-gráfica		900,00
14	Químico - lab.		
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			

RESUMO: Salários mensais - TOTAL. 2.400,00  
Outros recursos - 1.000  
Aluguel de casa - 500

**B. CONDIÇÕES EDUCACIONAIS E SOCIAIS**

Nacionalidade	Cbr	GRAU DE INSTRUÇÃO		
		Superior	Secundário	Compl. Primário
Brasileira	Brasileira			
Brasileira	Brasileira			
Brasileira	Brasileira			

**C. INTERESSE PELA PROFISSÃO DA FILHA**

1 - Quer que a filha siga a carreira profissional? Sim

2 - O desejo de que a filha siga a carreira profissional tem como motivo:  
Dar-lhe uma educação completa para o lar? Sim  
Dar-lhe um meio de vida para o futuro? Sim  
Auxiliar a família ao concluir o curso? Sim

3 - Deseja para a filha outra carreira? Professora  
Comerciante? Profissões liberais (medicina, filosofia, engenharia, química industrial, direito, música, artes plásticas, etc?)

4 - Explica a carreira da filha por:  
Influência? Acaso? Impossibilidade de seguir outra?  
Tradição? Sugestão da família ou de estranhos? Vocação?



Imagem 5: Ficha modelo 2 – parte da frente

**FICHA SOCIAL**

Matrícula n.º .....

Escola *Escola Sagrada Família - Lameira*

Curso *Secundária*

Local *Guimarães de Lameira, 3.º E.*

N.º de referência

Nome *[Redacted]*

Filiação *[Redacted]*

Data do nascimento *2 de Janeiro de 1933*

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO PROFISSIONAL

SERVICÓ DE PSICOTÉCNICA E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

**I - A FAMILIA**

A) COMPOSIÇÃO E ECONOMIA			
PESSOAS	SEXO	IDADE	PROFISSÃO
Pai	F.	62	Advogado
Tutor			
Mãe			
Tutora			
Aluno			
Irmãos que vivem no mesmo lar			
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
Outras Pessoas			

SOMA

OUTRAS RENDAS (por mês)	
Sublocações	
Pensões	
Renda de imóveis	
Renda de títulos, dividendos, etc	
Renda de hortas, criação etc.	
Diversos	
<b>TOTAL</b>	

ENCARGOS (por mês)

Aluguel de casa	
Despesas com escolas	
Instituições diversas	
Salários de empregados	
Diversos	
Saldo mensal com que se mantém a família	

**B) CONDIÇÕES SOCIAIS E CULTURA**

PESSOAS	COR	Gräu de instrução	Religião
Pai			
Tutor			
Mãe			
Tutora			

Associações que frequentam

Culturais *[Redacted]*

Religiosas *[Redacted]*

Políticas *[Redacted]*

Beneficentes *[Redacted]*

Profissionais *[Redacted]*

Sindicatos *[Redacted]*

Recreativas *[Redacted]*

Esportivas *[Redacted]*

Outras *[Redacted]*

Exercem alguma função social não remunerada? Qual?

Fazem música em casa? Que gênero?

Que pessoas participam?

Que instrumentos empregam?

Dedicam-se a outras artes? Quais? N.º de volumes.

Há biblioteca em casa?

Que gêneros de livros predominam?

Fizeram alguma viagem? Aonde?

Que pessoas participaram?

**C) RESIDÊNCIA DA FAMILIA**

Cidade *Peto Alegre*

Rua *[Redacted]*

N.º *716*

Rabreza do prédio *[Redacted]*

N.º de peças *41*

Área do terreno

Tem jardim?

Tem horta?

Tem criação?

Que espécies?

**D) INTERESSE PELA PROFISSÃO DO FILHO**

Que profissão deseja para o filho?

Por que?

Qual a vocação dele?

Em que se funda para julgar assim?

Por que multiteu-o nesta Escola?

Qual a profissão tradicional na família?

Imagem 6: Ficha modelo 2 - parte de trás

H - O A L U N O

---

**A) CONDIÇÕES EDUCACIONAIS E TEOR DE VIDA**

Que escola primária frequentou? *Escola Municipal de São Paulo*

Concluiu o curso? *Sim*

Frequentou alguma escola secundária? *Sim*

Qual? *—*

Até que ano cursou? *—*

Tem algum diploma? *Curso Primário - São Paulo*

Que religião pratica? *Católica*

Em que tempo faz o trajeto até a Escola? *10 minutos*

De que modo? *À pé*

Quantas refeições toma por dia? *4*

A que horas se deita? *9 h*. Levanta-se a que horas? *7 h*

Reside com os pais? *Sim*

Em caso contrário, onde mora? *com o pai*

Em hotel? *—* Qual? *—*

Em pensão? *—* Onde? *—*

Em internato? *—* Qual? *—*

Em casa de família? *—* Onde? *—*

Tem companheiros de quarto? *Sim* - Quantos? *1*

Que dimensões tem o quarto? *—*

Tem luz elétrica? *Sim*

---

**B) TENDÊNCIAS VOCACIONAIS**

Que faz nas horas vagas: (Grifar a ocupação preferida)

Excursões? *—* Quantas? *—*

Esportes? *—* Quais? *—*

Trabalhos domésticos? *Sim* - Quais? *limpeza da casa*

Leituras? *Sim* - Que livros prefere? *Imprensa, livros didáticos*

Lê jornais? *Sim* - Revistas? *—*

Que assuntos prefere? *Política e Geografia*

Na escola, qual era a matéria preferida? *Geografia e Português*

Pertence a alguma associação juvenil? *—*

Escreve para algum jornal ou revista? *—*

Vai ao cinema? *Sim* - Que gênero de filmes prefere? *comédia*

Já teve alguma ocupação fora de casa? *Sim* - Qual? *—*

Qual o motivo do abandono? *faltou dinheiro*

Que curso da Escola Técnica pretende frequentar? *Letras e Direito*

---

Por que? *Por que gosto de ler*

que profissão gostaria de exercer? *escritor - sem definição*

Por que? *gosto de escrever*

que profissão não exerceria de modo algum? *de trabalhar em uma firma, etc.*

Por que? *Minha inspiração é livre*

Que posição ideal deseja ocupar no futuro? *Mãe de família*

Por que? *—*

---

**C) IMPRESSÕES GERAIS**

1 - Traje: *boas*      Bom - Regular - Mau

2 - Assio: *zimo*      Sim - Não

3 - Atitude: *boa*      Boa - Regular - Má

4 - Expressão: *boa*      Boa - Regular - Má

---

**III - OBSERVAÇÕES ESPECIAIS**

.....

---

**IV - APEREÇÇÃO FINAL**

.....

---

Assinatura *Lucio Miranda Faria*

Local e data *19 de Maio de 1949*